

Pizarro recebeu de Costa garantia de mais orçamento para a Saúde em 2023

Manuel Pizarro tomou posse ontem, sucedendo a Marta Temido no Ministério da Saúde. A antiga ministra assume o lugar de deputada. Governo espera por Marcelo para escolher direcção executiva do SNS

**Marta Moitinho Oliveira,
Margarida Gomes**

O novo ministro da Saúde tomou posse ontem. Manuel Pizarro saiu do Palácio de Belém com a garantia dada por António Costa de que o ministério que lidera a partir de hoje terá mais dinheiro no Orçamento para o próximo ano. Em declarações aos jornalistas depois da cerimónia, o primeiro-ministro disse que o novo governante terá "todas as condições" para executar o Programa de Governo, mas referiu também a necessidade de apostar na melhoria da gestão e da organização do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

"O novo *plafond* do Orçamento para o Ministério da Saúde já está definido e tem mais um reforço através do Serviço Nacional de Saúde. Mas nós, para além disso, temos de investir muito na organização e na gestão", disse o chefe do executivo em declarações aos jornalistas, refe-

rindo que desde que é primeiro-ministro o Orçamento da Saúde "já subiu mais de 40% e o número de profissionais da Saúde já aumentou mais de 20%" e que a aprovação do estatuto do SNS garantirá melhorias ao nível da gestão.

Quanto à nova direcção executiva que resulta do novo estatuto do SNS, António Costa adiantou que vai esperar que Marcelo Rebelo de Sousa dê luz verde ao decreto-lei que cria a nova direcção executiva SNS para avançar com a escolha do nome que ficará à frente do cargo.

"A nomeação do director executivo do SNS é da competência do Governo e depende desde logo de o senhor Presidente da República promulgar o diploma que o Conselho de Ministros aprovou."

O Conselho de Ministros foi na quinta-feira e o Presidente da República chegou ontem de manhã do Brasil, explicou o líder do executivo, referindo-se depois ao tempo que o

chefe de Estado tem para tomar uma posição sobre o decreto-lei do Governo. "Só na sequência disso é que podemos tomar decisões sobre a próxima direcção executiva", afirmou.

Costa agradeceu à ex-ministra da Saúde, Marta Temido, "toda a dedicação e empenho pelo serviço que prestou ao país", principalmente no contexto difícil da pandemia, e ao novo ministro da Saúde, Manuel Pizarro, pela "disponibilidade para regressar a Portugal [Pizarro era euro-deputado] a um ministério onde já serviu e encontrar uma outra forma de servir os portugueses". Agradeceu também aos secretários de Estado – António Lacerda Sales e Fátima Fonseca – "que agora cessam funções".

Questionado sobre se Pizarro tinha sido escolhido por ser médico e, dessa forma, poder agradar àquela classe profissional, Costa rejeitou, lembrado a experiência profissional no campo político do novo ministro e acrescentado que "não é essa qua-

lidade [a de ser médico] que determina a escolha de um ministro como ministro da Saúde".

Em resposta às críticas da oposição, Costa argumentou que surpresa seria se "em vez de nomear alguém do PS tivesse nomeado um adversário do PS".

Pizarro: "Mais meios"

Parco em declarações, o novo ministro da Saúde, que ainda não formou a sua equipa, declarou que está "com muita vontade de trabalhar em prol da saúde dos portugueses e do Serviço Nacional de Saúde" e que abraça "este desafio muito exigente com muita determinação".

Já depois de ter sido empossado, o novo titular da pasta foi questionado sobre a falta de meios no SNS, que tem estado debaixo de fogo, tendo antecipado que "serão sempre necessários mais meios e é também muito importante utilizar da forma mais eficaz possível os meios" que existem.

"Todos os casos em que há dificuldades de recursos são casos que têm de preocupar quem tem responsabilidades na área da saúde", sublinhou o governante.

O PÚBLICO sabe que o novo ministro já começou a fazer contactos para formar a sua equipa governativa – secretários de Estado e o presidente da comissão executiva do SNS –, mas ainda não há "fumo branco", admitindo-se como possível que terça-feira haja novidades.

Temido explica demissão

A ex-ministra da Saúde, Marta Temido, assumiu pela primeira vez que a decisão de se demitir esteve relacionada com a morte de uma grávida durante a transferência de hospitais em Lisboa, por falta de vagas no Hospital de Santa Maria, um episódio que considerou "gravíssimo".

"Era um episódio de uma gravidade tal que era necessário que houvesse responsabilização", declarou Marta Temido em declarações aos jornalistas, no final da tomada de posse do novo ministro da saúde, Manuel Pizarro.

"A ministra [da Saúde] entendeu que estava criado o ambiente que exigia que houvesse uma responsabilidade pessoal e eu entendi que ela devia ser minha", justificou a ex-ministra da Saúde, que disse que sai sem "amargos de boca".

"Eu não tenho amargos de boca", disse entre sorrisos, sublinhando que este não é o momento para fazer avaliações. "Este é tempo de construir", sustentou, deixando palavras de agradecimento aos portugueses, à comunicação social, aos seus colegas de Governo, aos dirigentes do Serviço Nacional de Saúde e à sua equipa no ministério. No entanto, a governante que agora sai ainda admitiu aos jornalistas o impacto que as dificuldades podem provocar. "Todos nós temos algumas marcas mais negras no coração."

Marta Temido admitiu que os quatro anos em que tutelou a pasta da Saúde foram "exigentes", mas apesar disso afirmou: "Todos os dias estou grata pelo serviço que prestei ao meu país." A ex-governante disse que assumirá o lugar de deputada no Parlamento, para o qual foi eleita por Coimbra. "Eu não acredito em quem diz que não é político e eu tenho a política dentro de mim, porque isso significa escolhas públicas."



Manuel Pizarro tomou posse ontem no Palácio de Belém